



Boletim de Notícias NS

**NSDAP/AO : PO Box 6414
Lincoln NE 68506 USA
www.nsdapao.org**

#1130

10.11.2024 (135)

Heróis desconhecidos da raça branca

Parte 3

William Dudley Pelley

No seu romance profético, 1984, George Orwell imaginou o tipo de sociedade em que a América se está a tornar rapidamente. Um lema desse tempo "futuro" era: "Quem controla o presente, controla o passado, quem controla o passado, controla o futuro." Parte desse controlo da mente foi auxiliado pelo Buraco da Memória. Era um incinerador para o qual eram atirados quaisquer pedaços de informação sobre o passado que fossem considerados prejudiciais ao Sistema do Grande Irmão. Para demonstrar como o Establishment controlado pelos judeus no nosso país se assemelha ao de 1984, apresentamos a história de William Dudley Pelley.

Apesar de ter sido o líder de um movimento de massas que foi notícia durante toda a década de 1930, o seu nome é hoje totalmente desconhecido, exceto para um punhado de investigadores. Para além de referências pouco frequentes e fugazes a ele em algumas histórias da Era da Depressão, não existem livros sobre a sua vida dramática; nem sequer artigos de jornais ou revistas. A sua fotografia não pode ser encontrada fora das páginas *de The New Order*, nem qualquer fotografia das suas dezenas de milhares de seguidores, apesar de tanto a sua imagem como a deles dominarem os noticiários e as publicações da época. Os seus discursos são in-

acessíveis, apesar de terem sido ouvidos por milhões de pessoas, por vezes através de emissões de rádio a nível nacional. Atraiu a amizade de heróis lendários como Charles Lindbergh e o ódio de canalhas lendários como Franklin Roosevelt. Sinclair Lewis escreveu um romance completo, *It can't happen Here*, baseado na sua vida. Juntamente com as obras de Theodore Dreiser, H.L. Mencken, F. Scott Fitzgerald e outros luminares da década de 1920, os seus livros entraram nos currículos universitários na vanguarda da literatura americana moderna. No entanto, atualmente, nenhum curso universitário de Grandes Livros inclui qualquer um dos seus títulos. Foi um dos mais importantes criadores do cinema mudo, autor de peças de teatro clássicas como *O Corcunda de Notre Dame*. Apesar do inegável impacto do homem no seu tempo, o seu nome foi completamente expurgado da história contemporânea, os seus livros (pior do que proibidos ou queimados) não foram publicados, as suas realizações políticas foram relegadas para o esquecimento.

Ao tentar pesquisar o material para este artigo, após meses de investigação, descobri que a sua única biografia foi escrita há dezoito anos, uma obscura tese universitária de um hostil estudante de pós-graduação. Alguns fragmentos dispersos de dados adicionais vieram de xerox das publicações do próprio Pelley, através de arquivos empoeirados de bibliotecas. Tudo sobre ele foi atirado para um verdadeiro buraco de memória, não menos minucioso na sua destruição mas muito mais real do que o modelo de Orwell. O Grande Irmão Judeu que apaga toda a informação sobre William Dudley Pelley é o mesmo controlador do passado que se certifica de que há uma abundância de livros escolares e pseudo-documentários para a televisão e para o cinema que exaltam a "grandeza" de Martin Luther King, Jr. ou Malcolm X. O que é que Pelley poderia ter feito que atingisse tanto o coração do Sistema Kosher que desencadeou um esforço tão completo para apagar todo o conhecimento da sua existência da consciência americana?

Horror na Rússia

William Dudley Pelley nasceu em Lynn, Massachusetts, a 12 de março de 1890, numa situação de pobreza extrema. Tudo o que consegue recordar da sua infância é que estava "perpetuamente esfomeado e mal vestido". Ao contrário dos apolo-gistas da inépcia negra, a adversidade não impediu o jovem William de fazer algo da sua vida. Para ele, a miséria não era uma desculpa para a preguiça e o fracasso, mas um catalisador para melhorar. Ainda no início da adolescência, encontrou um emprego humilde numa fábrica de tecidos, onde trabalhava longas e tediosas horas

por muito pouco dinheiro. Mas poupava os seus tostões e educava-se lendo em todas as oportunidades. A leitura era a sua única paixão e o seu único escape ao trabalho árduo e ao empobrecimento material da sua adolescência. Gostava especialmente dos autores clássicos americanos, como Foe, Emerson, O'Henry, etc., e sonhava ser escritor. - e sonhava em ser escritor. No oitavo ano de escolaridade, tinha mais habilitações do que a maioria dos licenciados e começou a realizar o seu sonho, quando foi contratado como repórter júnior do jornal *Homestead* de Springfield. Embora o seu rendimento fosse pouco melhor do que o salário na fábrica de tecidos, casou-se em 1911 e foi abençoado com uma menina no ano seguinte. No entanto, ela morreu por volta do seu terceiro aniversário. Apesar da sua "terrível tristeza", ou por causa dela, trabalhou mais do que nunca no seu ofício, a sua reputação como repórter de extraordinários poderes descritivos cresceu e, pela primeira vez na sua vida, estava financeiramente confortável. Nos anos seguintes, os seus artigos em revistas de renome nacional como *Red Book*, *Colliers* e *The Saturday Evening Post* foram admirados por milhões de leitores.

No final da Primeira Guerra Mundial, o prestígio de Pelley era tal que o seu editor o contratou como correspondente estrangeiro para uma missão na Europa Oriental. Com uma generosa conta de despesas e a patente diplomática de "correio consular" que lhe foi conferida pelo governo dos Estados Unidos, embarcou para a Rússia no início de 1918. Para ele, a sua missão era uma aventura divertida, uma brincadeira bem paga e uma oportunidade de passar férias no estrangeiro. Acabou por ser algo muito mais. Até à sua fatídica viagem, Pelley era um autor em ascensão, feliz e sem convicções reais. Como recordou anos mais tarde, a experiência transformou-o "de um escritor indescritível num cruzado sombrio".

Durante dois anos, percorreu 8.000 milhas de comboio e a cavalo através da Sibéria, da Ucrânia, das estepes da Rússia Central, do Extremo Oriente e da Ásia até ao Japão. Ao longo de todas estas longas viagens, foi testemunha pessoal da revolução comunista. Viu mulheres camponesas crucificadas em portas de celeiros e uma sala de aula em que o professor e todos os alunos tinham sido espancados até à morte, com os miolos esparramados no quadro. Havia aldeias inteiras despovoadas pelo assassinio, com cadáveres pendurados em todos os postes de iluminação e a sufocar os ribeiros próximos. Estas vítimas raramente eram militares, nem estavam politicamente envolvidas de alguma forma. Eram pessoas comuns, na sua maioria agricultores e operários fabris. Estas imagens horríveis, que encontrava por onde quer que os Vermelhos passassem, quase o deixavam louco. Mas eram tão comuns que, a pouco e pouco, se foi habituando ao mar de sangue que atravessava diariamente.

Ele aprendeu em primeira mão que o comunismo não era uma ideologia, era simplesmente a organização dos piores elementos criminosos liderados por judeus para destruir a sociedade gentia. Isto não era uma especulação. Praticamente todos os comissários que conheceu (alguns dos quais entrevistou) eram judeus, enquanto a maioria dos seus activistas eram assassinos comuns e pervertidos "libertados" da prisão. A sua motivação era o ódio, o poder e a vingança, nada mais. Todos os seus slogans sobre "Igualdade" e "Paz" eram truques transparentes para enganar os liberais irreflectidos do povo russo, suas vítimas. Embriagados pelo sucesso, os judeus vangloriavam-se abertamente dos seus planos de conquista mundial, fomentando o mesmo tipo de divisão noutros países gentios. Eles disseram a Pelley que a Rússia era apenas um trampolim, uma base para a subversão internacional. Mesmo o seu falso "comunismo" era totalmente dispensável, tal como os seus próprios seguidores, que eles nunca hesitaram em massacrar ao mais pequeno capricho. O seu objetivo a longo prazo era um governo mundial único, no qual os gentios se tornariam escravos voluntários, alimentando uma economia internacional com o seu génio e trabalho, enquanto o povo judeu dominaria todas as posições importantes de poder. "Depois da Rússia," um comissário sebozo sorriu para Pelley, "depois a Europa e mais tarde a América!"

"Hurra para Hollywood!"

Antes do seu despertar político no estrangeiro, não sabia nada sobre os judeus, nunca os ouviu falar em casa enquanto crescia e, no máximo, pensava neles apenas como membros de uma religião não cristã. De regresso aos Estados Unidos, um homem mudado e abalado, Pelley apresentou o seu relatório ao deputado Louis F. McFadden, da Pensilvânia, em 1920. O político ficou tão alarmado com o que ouviu que leu pessoalmente em voz alta os *Protocolos dos Sábios de Sião* no Congresso, introduzindo oficialmente este documento de importância vital no *registo do Congresso*. (Os Protocolos representam uma agenda para levar os líderes judeus a posições de domínio político e económico sobre a sociedade gentia. Previsivelmente condenados como fraudulentos por judeus históricos, os Protocolos foram verificados ainda em 1984, quando o popular livro de Lincoln e Bladgett sobre a lenda do Graal, *Holy Blood - Holy Grail*, estabeleceu as suas raízes históricas). Pouco depois, Pelley foi apresentado a um funcionário do Departamento de Justiça e a Robert Sharpe, chefe dos serviços secretos do Departamento de Estado. Eles disseram-lhe que as suas experiências eram inteiramente confirmadas pelos seus abundantes ficheiros sobre a agitação judaica na Rússia e

nos Estados Unidos. O facto de estes homens do governo terem sido tão francos é uma indicação reveladora de quanto poder político os judeus acumularam nos últimos 75 anos; é hoje completamente impensável que qualquer político americano possa sequer sugerir criticar a ameaça judaica.

Parecia não haver nada que pudesse travar "a inevitabilidade histórica" do mundo único kosher prometido por Karl Marx. Pelley regressou à sua casa em Vermont e tentou esquecer o "banho de horror" que sabia estar a envolver lentamente a civilização. Sentia-se inquieto e frustrado e tornou-se inabitável, de tal forma que ele e a mulher se divorciaram. Eram os loucos anos 20, quando os americanos foram apanhados pelo hedonismo da prosperidade do pós-guerra. As pessoas viviam para o prazer e deixavam que os problemas sérios se resolvessem por si próprios. Também Felly não estava imune ao espírito do seu tempo. Tentando escapar à sua própria consciência, fugiu para Hollywood, na Califórnia, onde a sua reputação de autor o precedeu e foi contratado como argumentista na M.G.M. e na Universal Studios. Trabalhou furiosamente, produzindo guiões para os principais filmes da época. Chegou mesmo a escrever uma versão cinematográfica do seu próprio conto, *The Shock*, que foi um sucesso instantâneo. O seu trabalho era de tão alto calibre que rapidamente se tornou num dos argumentistas mais respeitados e mais bem pagos de Hollywood. Nas palavras do seu biógrafo, as suas estimadas peças para o ator principal do cinema mudo "ajudaram a estabelecer a reputação de Lon Chancy e forjaram uma amizade entre os dois homens. Para além de Chancy, ele reivindicou uma 'entrada constante' nas casas de Theda Bara, Chester Conklin e outros actores, produtores e realizadores famosos."

Ocupado com a vida na alta sociedade de Hollywood, Pelley encontrou tempo para escrever romances que catapultaram o seu nome para os mais altos níveis da ficção americana contemporânea. Tanto *The Greater Glory* (que exalta os valores simples da vida numa pequena cidade da Nova Inglaterra) como *The Fog* (uma história de amor) foram bestsellers e aclamados pela crítica. Foi comparado favoravelmente a F. Scott Fitzgerald e considerado pelo menos igual a Sinclair Lewis. Mas o dinheiro e a aclamação não lhe trouxeram paz interior. Ironicamente, originalmente fugiu das realidades da Costa Leste para as fábricas de fantasia de Hollywood, apenas para se encontrar no meio de uma indústria cinematográfica maioritariamente judaica que estava a perverter a arte do cinema em propaganda kosher, que "entorpecia, anesthesiava e geralmente enganava" o público. "Enquanto os gentios se concentravam na criatividade", disse ele, "os peleiros da Segunda Avenida e os engomadores de calças de Milwaukee começaram a abrir estúdios para fotografar dramas enlatados". Sentiu-se interiormente envergonhado por ter

tido alguma coisa a ver com a ilusão de Hollywood, ao ver a sombra judaica cair sobre o seu próprio país, tal como acontecera na Rússia.

No auge do sucesso da sua carreira e da sua agitação emocional, a 29 de maio de 1928, foi súbita e inesperadamente confrontado com uma experiência pessoal profundamente comovente. Escreveu sobre ela em *My Seven Minutes in Eternity*, que vendeu 90.000 exemplares. Antes de 1930, recebeu mais de 20.000 cartas dos seus leitores. Apesar do sucesso fenomenal do panfleto, o autor revelou poucos pormenores sobre a sua experiência, para além da sua insistência em que os acontecimentos síncronos de "coincidências" pessoalmente significativas são ocorrências na vida de todos que nos ligam a um Plano Divino. Nunca antes um homem religioso, Pelley não era nenhum S. Paulo atingido no seu cavalo por um relâmpago sagrado de Deus. O que quer que lhe tenha acontecido, parece não ter sido muito diferente da visão que o jovem Hitler teve da sua vida quando, aos 15 anos, estudante em Linz, na Áustria, algo numa atuação da música de Wagner lhe mostrou um vislumbre da sua futura missão. Estes acontecimentos pessoalmente significativos não são assim tão raros, mas ocorrem normalmente a personalidades revolucionárias de alto nível. Em todo o caso, Pelley viu que estava a perder tempo com "a necromancia de fazer filmes" que se tornavam cada vez mais anti-gentios, e decidiu dedicar o resto da sua vida a um trabalho significativo, fosse ele qual fosse. Sentia-se preparado para a grandeza, mas não tinha qualquer sentido de orientação.

Acima de tudo, queria fazer algo de útil pela sua raça ariana e pela cultura ocidental. Não ignorava a Revolução Nacional-Socialista em curso na Alemanha, mas pensava que ela não poderia triunfar sobre o enorme poder dos judeus. Lembrou-se de como o comissário viscoso da Rússia tinha profetizado que a Europa seria a próxima vítima. Estudou *o Mein Kampf* e perguntou-se se os princípios nele tão claramente expostos poderiam ser aplicados nos Estados Unidos. Parecia demasiado bom para ser verdade. No ano seguinte, a falsa prosperidade da década de 1920 desmoronou-se com a Grande Depressão. Os Estados Unidos foram à falência e o seu povo conheceu o verdadeiro medo pela primeira vez. À medida que milhões de americanos amargamente desiludidos se deixavam enganar por um movimento comunista florescente e pelas mentiras transparentes de Franklin Roosevelt, Pelley ficou horrorizado ao reconhecer que o mesmo padrão de convulsão em massa que testemunhara na Rússia se estava a repetir no seu próprio país.

O nascimento da *Legião de Prata*

No entanto, quando Adolf Hitler foi eleito para o poder, a 30 de janeiro de 1933, Pelley ficou chocado. O impossível tinha acontecido. Pelo menos algures no mundo, um povo gentio tinha-se unido em prol da sua existência racial. Afinal, os onnipotentes judeus tinham sido derrotados. Se os homens brancos puderam salvar o seu povo na Alemanha, o mesmo poderia ser feito aqui. No dia seguinte, Pelley fundou a *Legião de Prata*, considerada pela maioria dos historiadores como a primeira organização genuína de estilo nacional-socialista nos Estados Unidos. É verdade que as raízes do *Bund Americano-Alemão* remontavam a dez anos antes. Mas era essencialmente um grupo fraternal sem objectivos políticos, exceto, muito mais tarde, a preservação da paz entre a América e o Terceiro Reich. A *Legião de Prata* começou como algo completamente diferente. Desde o seu início, o seu objetivo era a obtenção de poder político, para um dia se tornar o governo dos EUA e estabelecer um estado folclórico baseado nos fundamentos de *Mein Kampf*. Mais importante ainda do que estes objectivos políticos e filosóficos óbvios, um novo espírito, a vontade dinâmica da Raça Branca seria convocada para inspirar os americanos como nunca antes.

Desde o início, porém, Pelley viu-se confrontado com um sério dilema: ao mesmo tempo que queria identificar claramente a sua organização como nacional-socialista, estava ansioso por fazê-la parecer o mais americana possível. Embora adorasse o símbolo da suástica e compreendesse o seu significado pan-ariano, sabia também que era agora o emblema oficial de uma potência estrangeira. Não queria dar a impressão de ser o agente de outro país. Em vez da velha Cruz em Gancho, escolheu a letra "L" como símbolo da sua nova organização. Era simples de reproduzir numa variedade de circunstâncias e significava Amor à Raça Ariana, Lealdade à República Americana, Libertação dos Judeus e, claro, a própria *Legião de Prata*. Ele desenhou pessoalmente a sua bandeira, um estandarte quadrado e branco com um L maiúsculo em escarlate. Durante os nove anos seguintes, seria vista por milhões de americanos, levada para batalhas de rua violentas e hasteada em todos os estados da União.

Mas no início, para além de criar o seu primeiro símbolo, Pelley não sabia realmente por onde nem como começar. Por fim, recorreu aos seus dotes de escritor e publicou um jornal tabloide, *Liberation*, a expensas próprias. Criou uma sensação, tornando-se virtualmente um sucesso da noite para o dia, atraindo não só numerosos apoiantes financeiros, mas também escritores expressivos como ele e, primeiro, uma dúzia, depois centenas e, muito em breve, milhares de homens des-

empregados ansiosos por vender a publicação aos que vinham da rua. Em cidades judaicas como Nova Iorque ou Washington, D.C., estes primeiros activistas foram atacados por turbas kosher, pelo que o mesmo inimigo que tornou necessárias as Stormtroops de Hitler foi igualmente responsável pela criação dos *Silver Shirts*. A escolha do nome por Pelley foi uma referência óbvia às S.S. alemãs, mas a sua presença nas vendas de jornais e nos discursos públicos não era menos vital. Num espaço de tempo tão curto, os *Camisas de Prata* tornaram-se na *Legião de Prata*. A grande maioria dos Legionários não era de modo algum revolucionários de poltrona, mas sim duros combatentes de rua de fábricas, escritórios e campus de liceus e universidades. Muitos eram também ex-militares, veteranos traídos da falsa "Guerra para acabar com todas as guerras". Eles viram através da natureza judaica da Depressão e consideraram F.D.R. como o presidente mais judeu já infligido ao país. Acima de tudo, queriam pôr de lado o esquema liberal-capitalista-democrático e construir no seu lugar uma república livre de cidadãos felizes e profundamente conscientes da sua herança racial. Para atingir esse objetivo, esforçaram-se por construir um verdadeiro movimento político destinado a colocar seriamente os seus líderes no poder através de meios legais e constitucionais.

Os seus uniformes consistiam num boné idêntico aos usados pelos Stormtroopers de Hitler, calças de bombazina azul, leggings, gravata e camisa prateada com um "L" vermelho sobre o coração. Para compensar a sua aparência europeia, os *Camisas de Prata não deixavam* de hastear as Estrelas e Riscas lado a lado com a bandeira da Legião, e o seu hino oficial era um texto pró-ariano ao som da famosa marcha da Guerra Civil, o *Hino de Batalha da República*. "A prata simboliza a pureza da nossa luta", anunciou Pelley, "e a pureza da nossa Raça!" Assim começou o que ele chamou de "a Grande Maratona", evocando imagens das Termópilas - "a derradeira disputa pela existência entre a humanidade ariana e a judaica".

No final de 1933, o crescimento da Legião era nada menos que extraordinário. Surgiram unidades em todo o país, pois Pelley descobriu que falava tão eloqüentemente quanto escrevia. Em 1936, era uma figura pública de renome nacional, que já havia discursado para centenas de milhares de agricultores, estudantes, donas-de-casa e, principalmente, desempregados em todo o país. Como descreveu uma vez em *Liberation*, "Os homens das pequenas cidades são subitamente galvanizados pelos sons penetrantes dos *Silver Bugles* (o nome de um corpo de tambores e cornetas da *Silver Legion*). Levantam os pescoços dos livros e dos tornos. As bandeiras ondulantes passam pelas janelas enevoadas onde viram o mundo com crescente mau humor durante esta bem sucedida Depressão Judaica. Deslocam-se

para os passeios e contemplam os melhores espécimes da masculinidade americana a fazer algo para aliviar o ressentimento das massas. Querem desempenhar o seu papel". Tal como a crescente legião dos seus seguidores, sendo um ativista nacional-socialista, sentia-se "parte da própria essência e fibra da história atual do meu país". A sua mensagem era a simples verdade: "A democracia capitalista falhou, mas dos seus restos pútridos está a lutar para nascer o seu filho monstruoso, o comunismo. O povo russo não conseguiu esmagar esse monstro no seu ventre e sofreu terrivelmente. Eu sei, vi-o acontecer. O mesmo está a acontecer aqui. Não se trata de uma luta pelo capitalismo ou pelo comunismo, mas entre a civilização branca e a judaica".

Camisas de prata em marcha!

A organização da *Legião de Prata* por Pelley era única. Embora houvesse quartéis permanentes para o treino dos *Camisas de Prata* e unidades locais florescessem na maior parte dos estados e em todas as regiões dos Estados Unidos, não havia um edifício-sede central. Em vez disso, o Chefe, como era popularmente conhecido pelos seus seguidores, dirigia a Legião a partir do seu carro de turismo Ford. Ele nunca ficava num lugar mais do que algumas semanas, no máximo, mas estava constantemente em movimento, viajando de uma sede para outra, organizando comícios ao ar livre e reuniões de massa pelo caminho. Na verdade, ele usava vários carros por ano, porque percorria uns espantosos 20.000 quilómetros por ano. O local onde se encontrava na altura era a sede nacional, a partir da qual fazia todos os telefonemas para as outras sedes. Esta liderança extremamente móvel ligava muito estreitamente as várias unidades e dava a Pelley uma enorme compreensão dos americanos a todos os níveis, em todas as partes do país, ao mesmo tempo que o tornava um estadista conhecido pessoalmente por milhões de pessoas.

O seu plano para alcançar o poder era aberto e direto: Primeiro, daria a conhecer aos seus concidadãos o programa *da Legião de Prata*. Depois, entraria na corrida presidencial seguinte num só estado para obter a experiência que ele e os seus ativistas precisavam para compreender a política prática. Com esse treinamento na vida real, ele faria uma séria candidatura para a eleição nacional de 1940. Assim, o seu apoio foi tão generalizado no Estado de Washington que o seu nome foi colocado no boletim de voto presidencial, graças ao trabalho árduo de campanha porta-a-porta dos *Silver Shirts*, que recolheram milhares de assinaturas para as suas petições em circulação. (Aqui, a minha pesquisa não deu em nada, pois não conse-

gui localizar nenhuma fonte que descrevesse a reação dos eleitores que ele obteve. Concluo que deve ter sido significativa, por razões que em breve serão esclarecidas).

A reintegração de F.D.R. como presidente aproximou o "conflito entre as forças da Luz e das Trevas na Terra" - uma profecia da guerra vindoura contra o Terceiro Reich feita por Pelley no seu primeiro discurso radiofónico nacional. A sua candidatura eleitoral triplicou o número de membros *da Legião de Prata* e conquistou algumas figuras importantes, incluindo George van Horn Moseley, um general reformado do Exército dos EUA, o deputado Jacob Thorkelsen, Charles A. Lindbergh, Jr. e Walt Disney. Todos eles participaram nos seus comícios públicos e alguns partilharam o pódio com o Chefe. Ele estava confiante de que, com esse tipo de apoio de alto nível e a aceitação óbvia de milhões de americanos comuns, a *Legião de Prata* tinha um grande destino pela frente. Como escreveu o seu biógrafo, "Pelley ansiava por um Eixo Mundial, centrado numa Washington arinizada e assegurado em ambos os lados por Berlim e Tóquio. Enquanto a China vacilava à beira de se tornar um satélite de Estaline, os exércitos japoneses na Manchúria defendiam a civilização contra a serpente insidiosa do comunismo." Tendo vivido no Japão durante algum tempo, Pelley passou a respeitar profundamente os japoneses como o baluarte no Extremo Oriente contra a União Soviética. Ficou, por isso, horrorizado com as tentativas de Roosevelt de levar o Japão a uma guerra catastrófica que deixaria a porta aberta à expansão comunista na Ásia. O Chefe provou ser profético também neste caso, como o podem atestar os veteranos americanos aleijados da Coreia e do Vietname.

À medida que se aproximavam as eleições presidenciais de 1940, os *Silver Shirts*, agora com 100.000 membros (House Committee on Un-American Activities, Special Committee, 1939), eram levados muito a sério pelo F.D.R., que reconheceu Pelley como um candidato mortalmente sério; o Chefe podia não chegar a entrar na Casa Branca, mas podia controlar votos suficientes para desviar a eleição dos democratas. A popularidade de Roosevelt já estava a diminuir, pelo que não podia arriscar a sua reeleição e ordenou ao FBI que "investigasse" Pelley. O Procurador-Geral Frank Murphy recusou a óbvia perseguição política e apresentou desculpas ao Presidente, dizendo-lhe que seria um erro fazer "mártires dos *Camisas de Prata*." Mártires, schmartyrs - o poder democrático estava em jogo, por isso ele ordenou ao que Pelley referiu como os seus "sátrapas gentios" que tornassem a vida miserável para os *Silver Shirts*. A unidade da Carolina do Norte (o maior quartel-general da legião e o mais parecido com um escritório nacional) foi invadida por agentes federais, as suas propriedades, incluindo as prensas de impressão, confis-

cadras, os seus residentes detidos e presos com base numa variedade de acusações forjadas, todas elas rejeitadas, mas só depois de longos meses de processos judiciais financeiramente desgastantes. Mesmo assim, nenhum dos materiais confiscados, bem como o próprio edifício de propriedade legal, foram devolvidos aos pobres *Camisas de Prata*; o juiz sorridente disse-lhes que tinham o direito de processar o governo por danos.

Logo após a rusga na Carolina do Norte, o congressista Dickstein (Nova Iorque) apelou a uma proibição nacional da exibição pública do uniforme da *Camisa de Prata*. O Chefe foi rápido a responder: "Qualquer judeu que pense que me pode dizer que tipo de camisa posso usar, ou que não posso usar um L escarlate, levará um murro no nariz que se lembrará até aterrar no seio de Abraão!" Como até o seu antipático biógrafo admite, "Pelley tinha motivos para acreditar que estava a ser assediado". "

A perseguição intensificou-se e foi acusado de evasão fiscal. Apesar de ter vencido esta acusação politicamente motivada, as grandes despesas e o tempo necessário para se defender da prisão iminente sabotaram a sua campanha de 1940. Nessa altura (novembro), o envolvimento dos Estados Unidos no conflito crescente contra a Alemanha nacional-socialista parecia praticamente inevitável. Por isso, Pelley mudou a direção da Legião, deixando de concorrer a cargos electivos para se opor a Roosevelt e aos seus belicistas judeus. Os *Camisas de Prata juntaram-se* ao *Bund Americano-Alemão*, ao *Ku Klux Klan* e a muitas outras organizações patrióticas, grandes e pequenas, unidas na mobilização da oposição em massa à paz. Também aqui, o Chefe provou o seu poder de conquistar milhões, pois as sondagens nacionais efectuadas apenas uma semana antes de Pearl Harbor mostraram que mais de três quartos do povo americano era contra a guerra com o Eixo, a menos que os Estados Unidos fossem fisicamente atacados. A forma como Roosevelt concebeu este pré-requisito, bem documentada em alguns dos livros postos à venda por *The New Order*, é demasiado complexa para ser contada aqui. Depois de os Estados Unidos terem finalmente entrado na guerra, Pelley ficou desolado com o que viu ser o deslizamento do seu país para o abismo. O trabalho de sua vida nos últimos nove anos, todo o maravilhoso sucesso da organização *Camisa de Prata* e seu entusiasmado apoio popular, parecia em vão. Dissolveu a Legião, até mesmo o seu jornal; que mais poderia fazer?

Voltou a casar-se em 1935, mas passava pouco tempo com a sua nova mulher, com quem tinha uma filha. Perto do desespero, Pelley juntou-se a elas na pequena cidade de Nobelsville, Indiana, onde queria esquecer o mundo que tinha tentado

salvar. Os seus anos de auto-sacrifício pareciam "um trabalho ingrato, esforçando-se por trazer uma visão à humanidade, tal como a humanidade é constituída". Mas a sua mulher, Helen, e alguns dos seus camaradas mais próximos instaram-no a continuar, a não desistir, apesar do pior que tinha acontecido. Um tanto ou quanto encorajado, quis obter garantias pessoais do novo Procurador-Geral Biddle de que seria autorizado a publicar as suas opiniões, desde que não prejudicasse o esforço de guerra. Biddle deu-lhe a sua palavra de honra de que Pelley poderia publicar sem receio de restrições. Embora o país estivesse em guerra, o direito à liberdade de expressão estava constitucionalmente garantido.

Uma lista de chamada pró-Hitler na América em tempo de guerra

No meio da histeria do tempo de guerra que varria a nação, lançou uma nova revista, *Roll Call*. Era intransigentemente nacional-socialista, o seu famoso editor e os redactores *da Silver Shirt não se* desculpavam. Documentaram o embargo petrolífero imposto por Roosevelt aos japoneses antes da guerra, forçando-os a testemunhar o estrangulamento da sua economia ou a arriscar uma guerra para se libertarem do domínio dos EUA. F.D.R. queria a guerra para salvar a sua própria economia vacilante do "New Deal" através do tipo de produção em massa que só a indústria em tempo de guerra poderia proporcionar. Os vermelhos queriam a guerra para salvar o moribundo império de escravos soviético dos exércitos de Hitler. Os judeus queriam a guerra para preservar o jogo de fachada capitalista/comunista que impuseram com tanto sucesso aos povos gentios de todo o mundo. O pior de tudo é que, ao iniciarem a guerra contra as Forças Nacionais Socialistas da Luz, os americanos enganados estavam a tornar possível que as mesmas forças de decadência interna que apodreceram a sociedade alemã antes de Hitler as limpar se enraizassem no nosso próprio país.

Pelley enviou cópias de revisão da pré-publicação para o gabinete do Procurador-Geral para aprovação do governo. Biddle podia dar-se ao luxo de parecer magnânimo, confiante como estava de que a última *Legião de Prata* seria içada no seu próprio petardo pela histeria de guerra dos americanos "patrióticos". Mas ficou estupefacto ao saber que o *Roll Call* tinha tido um sucesso incrível! Longe da hostilidade popular com que ele contava para esmagar Pelley, a pequena publicação estava a aparecer em todo o lado. E as pessoas estavam a concordar abertamente com o seu notório editor. O mais grave de tudo é que "muitos exemplares foram encontrados entre os militares americanos em todos os teatros de guerra", segundo o biógrafo de Pelley. Em março de 1942, as tiragens começaram por duplicar e de-

pois quadruplicaram. No espaço de provavelmente não mais de cinco semanas, a *Roll Call* cresceu a um ritmo fenomenal. Obviamente, nem toda a gente foi enganada pelas fábricas de propaganda de Hollywood, obcecadas como estavam os seus cineastas kosher com "Casas de Rothschild e Roosevelt em calções, Confissões de espiões nazis e Estaline em pijama, dramas de bandidos a disparar sobre a civilização gentílica, multidões a invadir diversas Bastilhas e New Dealers a abrir caminho para casas de banho de milhares de milhões de dólares", como Pelley escreveu na altura. "Fomos para a guerra porque a política judaica egoísta imposta ao nosso país empurrou os Estados Unidos para a beira da falência."

Depois, no final do inverno, foi contactado com urgência por um oficial da marinha americana que tinha estado estacionado em Pearl Harbor no dia 7 de dezembro anterior. O homem disse que a F.D.R. tinha mentido ao povo americano sobre o ataque, dizendo-lhes que "embora os danos tenham sido graves, a nossa frota do Pacífico ainda está intacta". O oficial disse ter testemunhado pessoalmente a devastação, que era muito pior do que o Presidente permitia. De facto, todos os navios de guerra americanos foram afundados ou gravemente danificados, exceto cinco porta-aviões sem escolta (e, portanto, não operacionais) e os seus aviões obsoletos. Pelley apressou-se a publicar a notícia: "Os bombardeiros japoneses fizeram Pearl Harbor parecer um projeto abandonado da W.P.A. em Keokuk!" A edição especial que chegou às ruas era uma bomba e foi devorada por um público faminto pela verdade, que tinha sido a primeira vítima da guerra. Mas quando o Procurador-Geral mostrou a habitual cópia antecipada ao F.D.R., o Presidente explodiu como o couraçado *Arizona* e exigiu a prisão de Pelley a 4 de abril. A acusação: alta traição!

Forçado a quebrar a sua palavra de honra a Pelley, Biddle ordenou a um grande júri que acusasse o Chefe de doze crimes da Lei da Sedição. No decurso do julgamento, o procurador Oscar Ewing, um "grande líder" do Partido Democrata, com uma intensa motivação política, negou enfaticamente que a frota americana do Pacífico tivesse sofrido danos graves em Pearl Harbor e intimou o Secretário da Marinha, Knox, a garantir ao juiz (e a uma vasta audiência de rádio) que a situação estava sob controlo, sem motivo para alarme. No momento em que falava, as forças militares americanas estavam a recuar em flecha, numa série ininterrupta de derrotas em todo o Teatro do Pacífico. Mas quando o advogado de defesa de Pelley ameaçou fazer com que toda a tripulação de salvamento de Pearl Harbor testemunhasse em tribunal para apoiar a controversa reportagem *do Roll Call*, o juiz rapidamente retirou a parte principal da acusação.

Agora, era acusado de apresentar falsamente a economia dos Estados Unidos como falida, minando assim a confiança do público em tempo de guerra. Também neste caso, a defesa estava bem preparada e intimou Mariner Eccles, presidente do Federal Reserve Bank, que teria de testemunhar, sob interrogatório e juramento, que a economia americana só tinha sido de facto salva no último momento pela produção de guerra desencadeada pelo banho de sangue em Pearl Harbor. Mas o juiz anulou a intimação.

Condenado!

Para seu crédito, tanto o Congressista Thorkelson como Charles Lindbergh depuseram pessoalmente como testemunhas de carácter em nome de Pelley, acções imensamente corajosas se considerarmos que o fizeram em plena Segunda Guerra Mundial, numa altura em que os Estados Unidos estavam a sofrer uma derrota do Pacífico ao Atlântico.

Apesar do seu apoio e do fracasso da principal acusação contra ele (para não falar da total falta de provas de qualquer tipo de atividade traidora), Pelley foi condenado a 15 anos de prisão numa prisão federal de segurança máxima. A acusação não conseguiu apresentar uma única prova de que Pelley tivesse cometido qualquer ato de traição; tudo o que ele tinha feito era criticar uma guerra injusta e o malvado Presidente que a planeava. Vinte e cinco anos mais tarde, milhares de judeus comunistas e os seus idiotas gentios desmiolados queimaram bandeiras americanas nas ruas e protestaram violentamente contra o envolvimento americano durante a guerra do Vietname; ao contrário de Pelley, nenhum deles foi condenado a penas pesadas. Sem dinheiro, não conseguiu apresentar recurso. Mais tarde, Lindbergh disse a um jornalista do *Chicago Tribune* que Pelley não era um traidor, mas um verdadeiro patriota que estava obviamente a ser perseguido por dizer publicamente o que um número crescente de americanos discutia em privado. Pelley devia ser um exemplo para essa gente: Guardem as vossas opiniões para vocês próprios, ou vejam o que vos vai acontecer!

Atordado pela dureza da sua sentença, era um prisioneiro mudo da guerra a que se opunha. Enquanto o mundo ocidental, fora das grades da sua penitenciária, se suicidava, ele lia vorazmente e reflectia profundamente. Embora triste, havia algo nele que não o deixava desesperar: "Um dia, nós, americanos, veremos em verdadeira perspectiva o que uma horda alienígena de quatro milhões de judeus nos fez, e porque fomos tão estúpidos em sofrer com isso." Quando a catastrófica dé-

cada de 40 chegou ao fim, a filha e o genro de Pelley, com a ajuda de velhos camaradas, conseguiram angariar dinheiro suficiente para um apelo. O apelo falhou, mas a sua lealdade não diminuiu e tentaram novamente. Em 1952, com os americanos a morrerem desnecessariamente na Ásia, tal como ele previra, Pelley foi relutantemente posto em liberdade condicional com a condição de não participar em "actividades políticas de qualquer natureza", uma exigência flagrantemente inconstitucional que ele estava demasiado falido para contestar. De saúde frágil, a sua filha e o marido cuidaram dele na casa da família em Nobelsville, Indiana.

Juntos, fundaram uma nova editora, a *Soulcraft Press*, que lançou o seu primeiro livro desde a guerra: *Something Better*. Nele, Roosevelt é apontado como o homem mais responsável pelo desencadear da convulsão social que os americanos viveram na era do Vietname. "Foi o precursor do caos evolutivo atual", considerado necessário para criar um Estado de tipo nacional-socialista no futuro. Mas foi a criação de duas novas revistas, dedicadas em grande parte a temas místicos e metafísicos, que o fez recuperar financeiramente, a ponto de poder pagar a todos os fiéis seguidores que tinham contribuído tão generosamente para o seu apelo. Tal como no início da vida, a escrita deu-lhe um sentido de objetivo e de realização. E recorda sem remorsos a experiência seminal que o colocou no seu difícil caminho dramático em 1928: tudo parecia destinado a acontecer e, portanto, parte de um Objetivo Superior em que confiava instintivamente, embora não o pudesse compreender intelectualmente. Nos seus últimos anos, foi feliz com o amor da sua filha e dos seus velhos camaradas, e satisfeito por saber que, apesar de ter falhado, tinha feito o melhor que podia em nome da sua raça e da sua nação. E os seus inimigos - os inimigos do seu povo - tinham-no honrado com uma longa prisão. Viu também o tempo suficiente para testemunhar a ascensão do *Partido Nazi Americano* de George Lincoln Rockwell, um fenómeno que lhe proporcionou um profundo conforto: Alguém estava a continuar a luta que ele iniciara trinta anos antes.

William Dudley Pelley morreu tranquilamente durante o sono, a 1 de julho de 1965, com 75 anos. Enquanto estava a dormir, alguém queimou uma cruz no relvado da frente da casa funerária. Nunca se soube se a cruz ardente tinha sido colocada ali por um amigo ou por um inimigo. O seu falecimento foi noticiado (com malícia, claro) nos meios de comunicação social nacionais, mas logo a seguir o seu nome caiu no esquecimento.

Em 1992, a pequena cidade de Nobelsville, no Indiana, voltou a atrair brevemente a atenção nacional, quando um rapaz da vizinhança que brincava à porta de casa,

numa noite de verão, não foi atingido por um meteoro que caiu a seus pés. "Desde a morte do líder fascista, W.D. Pelley, há dezassete anos", dizia o jornal local, "que o resto da América não prestava atenção à nossa comunidade".

A vida de Pelley como Patriota Branco foi igualmente meteórica. Foi o primeiro ativista racial do nosso país ao estilo nacional-socialista. Foi o antecessor do Comandante Rockwell e do Movimento do Poder Branco na América atual. Provou que a nossa ideia, se for promovida com coragem, inteligência e sinceridade, tem o poder de conquistar um grande número de seguidores, como demonstram os seus 100 000 seguidores. O seu martírio vivo no ventre da besta judia valeu-lhe um lugar de honra nos corações dos companheiros de luta que vieram depois dele. Ele não falhou, como pensava, tal como não falha um soldado corajoso que dá o seu melhor quando é capturado pelo inimigo.

As circunstâncias históricas não lhe permitiram criar a Washington ariana com que sonhava. Mas na luta muito maior pela Supremacia Branca mundial, ele lutou o bom combate; a sua foi apenas a batalha de abertura numa guerra contínua para o triunfo final da humanidade Ariana. O Chefe e os seus *Camisas de Prata* foram antes de nós. Eles inspiram-nos a seguir o seu exemplo. E a nossa bandeira vitoriosa, um dia desfraldada sobre o Planeta Terra, pertencerá tanto a eles como a nós!

Fontes:

Ribuffo, Leo Paul, *Protestants on the Right: William Dudley Pelley, Gerald B. Winrod e Gerald L.K. Smith*, dois volumes, Universidade de Yale



NS KAMPFRUF
KAMPFSCHRIFT DER NATIONALSOZIALISTISCHEN DEUTSCHEN ARBEITSPARTEI AUSLANDS- UND AUFWAHRORGANISATION

September 1975 26. April 2007 (137)

Der Kampf geht weiter !

Nachdem ich nach der Kapitulation der Wehrmacht am 8. Mai 1945 die nationalsozialistische Bewegung wieder als 2. zentral in der Nachkriegszeit. Und zwar nicht nur in Deutschland, sondern auf globaler Ebene!

„Menschen vom Massenmord, Völkermord, Verfolgung und Verleumdung haben nicht angezogen, die Krone der göttlichen Welt werden heißt geliebten Führer Adolf Hitler zu sein.“

Alle Nationalsozialisten sind solange antifaschistische, antisemitische und rassenpolitische Arbeit als Schüler an Kampf um die Erhaltung unserer weißen Völkern.

Der Kampf ist eine ständige Gewissheit, aber die Größe der hochgradigen Völkermord ist heute noch viel größer als in der Vergangenheit.

Der unerschütterliche Gegner ist das Judentum, das Völkermord gegen alle weißen Völkern (V) zu tun, keine Mittel und Eisenbahnen, Überlebende und Kampfschwärmer.

„Ob „legal“ oder „illegal“, ob im Widerkampf oder im „Reinheitskampf“, ob mit Propagandaarbeit, bewaffnet oder auf einem Volkstribunal, antwortet der Jude Nationalsozialisten ist seine Pflicht!“

Hud Hitler!
Gottfried Lank



TROTZ VERBOT NICHT TOT!



Boletim de Notícias NS
www.nsdapao.org
#1005 19.06.2022 (137)

NSDAP/AO: PO Box 6414 - Lincoln NE 68506 - USA

Relatório Frontal
Entrevista com Molly
Terceira parte

NSK: Os seus projectos actuais são obviamente filosóficos e relacionados com a arte.

Por favor, descreva a sua opinião sobre o impacto de tais tópicos na política.

Molly Dem, ainda tento actualizar a galeria de fotografias, mas sobretudo tenho-me concentrado em Adolf Hitler e no "Estricção da Humanidade" (www.mourningthecent.com/ truth.htm). Estou agora com 21 páginas, e tenho muito mais para fazer. Estudiar a II Guerra Mundial é um campo minado absoluto de informação. Procuramos informação sobre uma coisa e encontramos mais duas coisas para pesquisar. Sente-se um pouco como se fosse um arqueólogo, desenterrando o passado.




the NEW ORDER

Number 176 (137) Founded 1975 April 26, 2007 (137)

The Fight Goes On !

Seventy years after the capitulation of the Wehrmacht on May 8, 1945, the postwar National Socialist movement is stronger than ever not only in Germany, but throughout Europe.

Decades of mass murder, expulsion, persecution, and defilement have not sufficed to destroy the seed of the brilliant idea of our much loved Führer Adolf Hitler.

All National Socialists and other racially-aware countriesmen and racial kinmen fight side by side for the preservation of our White folk.

The movement has indeed become stronger, but the danger of biological folk death is also much greater today than in the past.

The desperate enemy is in the process of committing genocide against all White folk. His means are now White immigration, culture distortion, and neo-nazism.

Whether "legal" or "illegal", whether in election halls or court halls, whether armed with propaganda material or in a battlefield of a different kind, every National Socialist must do his duty!

Hud Hitler!
Gottfried Lank



TROTZ VERBOT NICHT TOT!

O NSDAP/AO é o maior fornecedor Mundo da propaganda nacional-socialista!

Revistas impressas e online em vários idiomas
Centenas de livros em quase uma dúzia de idiomas
Mais de 100 sites em dezenas de idiomas



SS Defender against Bolshevism
by Reichführer SS Reichler Klumner
FOR-DANMARK! MOD BOLGHEVISM!
Translated from the SS Original

The Poisonous Mushroom
Julius Streicher Der Hitlers Führer Book
Der Giftpilz
Translated from the Third Reich Original

Hitler in Italy
Reinrich Reiffenau
HITLER in ITALIEN
English / German Deutsch / English

SS Viewpoint - Vol. 9
Wife and Family
English - German Deutsch - English

The Sins of High Finance
Theodor Fritsch
English - German Deutsch - English

Luftwaffe War Art
Die Luftwaffe im Bild
English - German Deutsch - English

BOOKS - Translated from the Third Reich Originals!
www.third-reich-books.com



NSDAP/AO
Fight Back!



nsdapao.org
Contact us to find out how YOU can help!